

A dimensão histórica da fotografia na memória de Ji-Paraná – RO

BUENO, José L. P.¹
OLIVEIRA, Mônica do Carmo A.²
SILVA, Gabriel D. E.³

Resumo:

Neste trabalho, discutimos alguns aspectos da relação entre a fotografia e memória evidenciando a contribuição do documento fotográfico como ferramenta de significação do tempo e dos espaços. O estudo parte de um referencial teórico alicerçado nas reflexões sobre a imagem fotográfica que aponta rupturas e continuidades vividas socialmente. Amparadas igualmente na prática de observação e análise, buscamos elementos visuais de significação cultural e histórica nos álbuns de fotografias dos moradores mais antigos da cidade de Ji-Paraná – RO, promovendo a divulgação de suas experiências.

Palavras-Chave: Memória. Fotografia. História.

Abstract:

In this paper, we discuss some aspects of the relationship between photography and memory indicating the contribution of the photographic document as a tool of significance of time and space. The study is a theoretical framework grounded in reflections on the photographic image that points ruptures and continuities experienced socially. Also supported the practice of observation and analysis, we seek visual elements of cultural and historical significance in the photo albums of the oldest residents of the city of Ji-Paraná - RO, promoting the release of their experiences.

Key-Words: Memory. Photography. History

¹ Prof. Doutor do Mestrado em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia. lucas@unir.edu.br

² Mestranda em História e Estudos Culturais na Universidade Federal de Rondônia. monica.oliveira@ifro.edu.br

³ Curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Rondônia. Bolsista CNPq. gabrielduartejipa@gmail.com

Introdução:

A utilização de fotografias contribui para a reconstituição da memória cultural de grupos sociais, possibilitando a compreensão dos processos de metamorfismo da sociedade. O objetivo deste estudo é conhecer a partir do meio a dimensão histórica da imagem fotográfica e as possibilidades de utilizá-la na composição de certo conhecimento sobre o passado. Desde sua descoberta a fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo, registrando suas memórias numa linguagem imagética. Este perfil de memória assenta-se no vestígio, pois a memória tem necessidade de suportes exteriores e de referências concretas. Desta forma, procuramos entender como as imagens fotográficas podem embasar questões culturais e fragmentos da História. O estudo buscou a articulação da fotografia com a memória, com a história oral e com a análise das imagens embasados nos referenciais teóricos, estabelecendo analogias e produzindo uma percepção histórica sobre as mesmas. As informações para análise foram obtidas por meio de pesquisa bibliográfica, fotografias, entrevistas e depoimentos. As imagens reunidas foram coletadas entre moradores antigos da cidade de Ji-Paraná, no Estado de Rondônia, sendo encontradas nos álbuns familiares formando um conjunto de discursos evidenciados no contexto histórico das migrações incentivadas pelo governo militar, que visavam a integração da Amazônia. Tal conjunto imagético trouxe para esta análise novas informações sobre a localidade e ainda evidenciou as transformações que a cidade vivenciou. As fotografias coletadas foram digitalizadas, catalogadas e separadas por categorias, sendo elas: eventos, monumentos, paisagens e pessoas. O material resultante dessa pesquisa compõe um banco de imagens que integram o acervo do Núcleo de Memórias do IFRO – Instituto Federal de Rondônia, servindo para futuros estudos. Imagens que antes eram apenas lembranças em álbuns de família passaram a ser vistas sobre a óptica da História local de forma crítica e produtiva. Por conseguinte o acervo reunido constitui, simultaneamente, um conjunto iconográfico e um espaço privilegiado de reflexão. As imagens carregam em si as marcas de um tempo vivido, de um tempo munido de significação e cultura próprias.

1 MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: SUA RELEVÂNCIA PARA A PESQUISA HISTÓRICA

Em toda fotografia ocorre uma forma de paralização do tempo. Tudo o que foi escolhido e apreendido pelas lentes do indivíduo que fotografou, no momento em que

foi registrado, ficará congelado na forma bidimensional da fotografia. A ação retratada, tem o poder de “eternizar” o acontecido, mas não isenta o observador de um sentimento de ausência. Muitos estudiosos da imagem fotográfica buscam em suas análises o encontro entre o reconhecimento e a lembrança, a compreensão sobre o que a fotografia distancia e aproxima, entre a presença e a ausência.

O semiólogo francês Roland Barthes no livro *A Câmara Clara* (1984), defendia que uma fotografia, diferentemente de outros símbolos ou representações, é capaz de replicar aquilo que ocorreu uma única vez de forma materialmente real. Segundo o autor, há uma ligação do indivíduo com a fotografia, pois a imagem revela constantemente um vestígio de uma realidade ausente, mas estará sempre presente como imagem. Barthes ainda afirma que fotografia não é “uma reconstituição, como a arte prodigaliza, mas o real em estado passado: a um só tempo o passado e o real. (...) a fotografia é toda evidência” (Barthes, 1984, p.59). Assim, o que se observa na fotografia existiu de fato.

A fotografia favorece um encontro com o real como afirma o francês Philippe Dubois no livro *O Ato Fotográfico* (1994). O autor parte do princípio de que há uma “pseudopresença” da fotografia, onde as mesmas são entendidas como signos e indícios, que inserem-se em um contexto de proximidade com os objetos, fatos ou pessoas que representam. Para o autor a fotografia detém um duplo atestado de presença: quem acionou a câmera (o fotógrafo) e do objeto ou pessoa que esteve diante dela no momento que a imagem foi capturada (o fotografado). A fotografia é, portanto, uma excelente representação do momento exato de criação de uma imagem, que poderá ser examinada e reexaminada por muitos observadores. A fotografia revela uma dimensão comprobatória, pois constitui uma evidência da existência de um objeto ou algo. É também uma dimensão simbólica, que promove articulações com o imaginário permitindo reflexões sobre o que foi retratado. Há contudo uma dinâmica entre a cena registrada e o que ela agrega de memória e associações.

O fotógrafo francês Henri Cartier- Bresson, declara, que sempre se preocupou em capturar o momento em sua universalidade, para não deixar lacunas, reproduzindo o momento da forma mais completa possível. Segundo ele,

De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório. Nós, fotógrafos, lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há nenhum esforço sobre a terra que possa fazê-las voltar. Não podemos revelar ou copiar uma memória. O escritor dispõe de tempo para refletir. Pode aceitar e rejeitar, tornar a aceitar; (...) Existe também um período em que seu cérebro „se esquece” e o subconsciente trabalha na classificação de seus pensamentos. Mas, para os fotógrafos, o que passou, passou para sempre. É

deste fato que nascem as ansiedades e a força de nossa profissão. (1971, p.21).

Essas considerações nos leva a perceber que as representações fotográficas possuem uma “alma e um coração”, representada pelos sentimentos que provoca e pelas memórias que evidenciam. A imagem material possui uma qualidade mental, sobre ela está intrínseco informações, contextos históricos e aspectos culturais. O registro fotográfico passou a ser um significativo aliado da pesquisa histórica, já que como documento embasa as análises e possibilita uma visualização de fragmentos do passado. E como todo documento, precisa ser percebida como uma produção humana, passível de manipulação a ponto de ser utilizada como instrumento de poder. Como lembra Jacques Le Goff: “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (1994, p. 545). Contudo, a fotografia ainda é um documento social que requer um tratamento distinto, sobretudo no que tange as técnicas, condições de registro, as intenções que permeiam a captura, além da trajetória que marcaram a imagem. Entretanto, não podemos negar sua contribuição para a reconstituição da memória dos lugares, dos indivíduos, do ambiente e da cultura evidenciando suas particularidades.

O pesquisador Roland Barthes propõe uma metodologia de interpretação fotográfica caracterizada por dois conceitos: “Studium” e “Punctum”. O “Studium” está relacionado a toda informação cultural, social e histórica que uma fotografia evidencia. Já o “punctum” se refere às emoções despertadas pela fotografia, a sensação de pertencimento que desadormece. A esse respeito o autor diz:

A pintura pode simular a realidade sem tê-la visto. O discurso combina signos que certamente têm referentes, mas esses referentes podem ser e na maioria das vezes são “quimeras”. Ao contrário dessas imitações, na Fotografia jamais posso negar que a coisa esteve lá. Há dupla posição conjunta: de realidade e passado. E já que essa coerção só existe para ela, devemos tê-la, por redução, como a própria essência, o noema da Fotografia. (1984, p.114-115)

Dentro desta perspectiva, o Historiador Bóris Kossoy, enfatiza a qualidade documental da fotografia nas obras “Fotografia e História” (1989) e Realidades e ficções na trama fotográfica (1999), onde a fotografia é entendida como uma partícula do ambiente, um congelamento do tempo e do espaço. Assim, tal recorte temporal e espacial passa a ter uma “vida própria”, outra realidade passa a existir, e a fotografia torna-se um documento, que dotado de peculiaridades estéticas constitui uma criação humana. Em suas palavras: “Temos na imagem fotográfica um documento criado, construído, razão por que a relação documento/representação é indissociável” (1999, p. 31).

Para a análise da fotografia Kossoy propõe uma desconstrução do signo fotográfico. Sugere primeiramente uma análise iconográfica que apure no documento elementos que constituem a fotografia, como: quem fotografou, para que, para quem, onde, quando e com que intensões. Essas informações vão além do objeto fotografado, colocam a imagem no tempo e espaço, elucidam sua origem, e podem ser legitimadas por meio de outras fontes documentais, sendo jornais, certidões, literatura entre outros materiais produzidos na época do registro. Feito isso, o autor propõe um questionamento acerca do que está ausente na fotografia, do contexto implícito nas entrelinhas. Trata-se de uma interpretação iconológica da fotografia evidenciando suas representações. Essa metodologia parte do que é visível nas fotografias para o que está invisível, e, portanto, necessitam de uma observação analítica do pesquisador, que ao desconstruir o objeto fotográfico reabilita a memória.

É, a partir da dialética entre aquilo que a fotografia apresenta e aquilo que ela silencia, que refletiremos sobre as imagens produzidas pela sociedade. Neste texto, faremos uma leitura de representações fotográficas da cidade de Ji-Paraná, no contexto histórico das migrações incentivadas pelo governo militar, que visavam a integração da Amazônia destacando também os processos de metamorfismo do local e evidenciando uma reflexão sobre a função documental da fotografia.

2 A FOTOGRAFIA NA MEMÓRIA DE JI-PARANÁ- RO

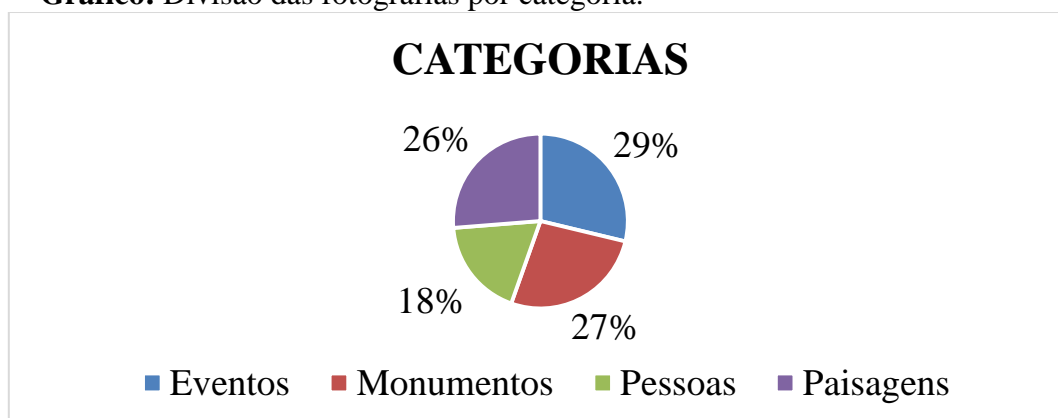
Muitas vezes, os motivos que levam alguém a guardar uma fotografia revelam ideologias, sentimentos, momentos e crenças. Neste contexto, a fotografia apresenta dois significados: um pessoal e outro coletivo. No âmbito pessoal a representação fotográfica possui uma relevância na vida de quem viveu o momento capturado, tem sentido de relíquia ou uma lembrança particular. Entretanto inserida em uma conjuntura coletiva a fotografia possui uma dimensão histórico-cultural. A imagem fotográfica passa a constituir um meio de comunicação, um código visual com vínculo social, possuindo valor para a sociedade como bem cultural.

Assim, evidenciaremos nas imagens fotográficas o contexto em que ocorreu a migração de grande número de pessoas do nordeste, centro-oeste e do sul do Brasil para Rondônia, e especialmente para a cidade de Ji-Paraná a partir dos anos 60 e até hoje. A propaganda governamental do período militar pregavam a ideia de uma terra de oportunidades, de acesso a um solo fértil e cheio de riquezas, em síntese, um verdadeiro Eldorado. A saga desses imigrantes foi registrada sob o olhar das câmeras fotográficas

dos primeiros colonos, que guardaram essas imagens em seus álbuns particulares como prova de suas presenças nessas paragens amazônicas.

O projeto de pesquisa desenvolvido no Instituto Federal de Rondônia (IFRO, 2013) intitulado: A imagem vale mais que mil palavras, revelou um potencial iconográfico brilhante. Guardada em álbuns familiares e servindo como mecanismos de lembranças de um tempo que não volta mais, as fotografias escondiam um tesouro nas gavetas das cômodas de nossos pais e avôs (imigrantes, colonizadores), que comprovam riqueza de detalhes e informações. O gráfico abaixo evidencia a categorização das imagens:

Gráfico: Divisão das fotografias por categoria.



Fonte: os autores.

Desta forma, foram digitalizadas e catalogadas com base em depoimentos e entrevistas 240 fotografias, que serviram de referencial para esta análise, sendo classificadas por categorias, assim definidas: eventos, monumentos, pessoas e paisagens. Observe a tabela abaixo:

Tabela 1: Categorização das fotografias que compõem o Núcleo de Memórias do IFRO

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	QUANTIDADE
MONUMENTOS	Ponte sobre Rio Machado	17
	Igreja Matriz	8
	Museu das comunicações	5
	Outras construções da cidade	34
EVENTOS	Desfile de 7 setembro	43
	Enchentes	12
	Outros	14
PAISAGENS	Centro da Cidade	28
	Ilha do Coração	4
	Rio Machado	12
	Outros pontos da cidade	19
PESSOAS	Vários indivíduos	44
TOTAL		240

Fonte: Os autores.

Na categoria eventos houve um destaque para registros fotográficos ligados aos Desfiles de 7 de setembro e as enchentes. Dentro da categoria monumentos a maior parte das representações fotográficas evidencia a ponte que liga os dois distritos da cidade, a Igreja Matriz e o Museu das Comunicações. Também ocorreu um predomínio significativo de imagens que revelam vistas da cidade em vários pontos, com projeções para o Centro da cidade, o Rio Machado e a Ilha do Coração, enquadrado na categoria paisagens. No que tange a categoria pessoas as ocorrências são em menor proporção, mesmo com vários elementos retratados, não há ocorrências de indivíduos com notoriedade significativa no acervo analisado. O que demonstra maior interesse coletivo por registros relacionados à cidade e suas representações.

Em razão da amplitude de informações e memórias que o material coletado e catalogado nos proporcionou, optamos por apresentar neste artigo análises sobre as marcas do civismo presentes nos desfiles de 7 de setembro e a conjuntura que envolve os rios da cidade retratados nas fotografias. A análise de outros aspectos evidenciados, como os templos religiosos e o museu das comunicações serão explorados em textos futuros.

2.1 O civismo na memória fotográfica ji-paranaense

Compreendemos a prática do desfile cívico inserida em uma dimensão histórica, habilitada a disseminar conceitos, condutas e omissões. O exame das fotografias de desfiles cívicos deixa evidenciada uma relação de interdependência com a cultura escolar existente em Rondônia, especialmente em Ji-Paraná, marcada pela presença de migrantes do Nordeste e da Região Sul do Brasil. Os indivíduos guardam em seus álbuns familiares lembranças de um período explicitamente influenciado pela conjuntura política nacional. As imagens manifestam comportamentos e exibem lugares de memórias. Cenas da época da colonização de Ji-Paraná foram “congeladas”, provocando realidades repletas de construções ideológicas que condicionaram o discurso da colonização, amparadas na concepção de um povo “desbravador”, promotores da integração da Amazônia com sul e sudeste do país.

O acontecimento cívico em comemoração a Independência do Brasil, constituía uma atividade formidável para os estudantes, especialmente para aqueles que eram membros da fanfarra, componente de carros alegóricos ou balizas. O papel da escola brasileira durante o período da ditadura militar constituiu, um mecanismo de manipulação e formação do Estado sobre o pretexto de formar cidadãos cívicos e

morais. A concepção positivista se fez presente e efetiva neste momento histórico, dado que imagens analisadas revelam o desfile cívico cumprindo a função doutrinária do Regime Militar: ordem, obediência e patriotismo.



Fotografia 01 e 02: Desfile em comemoração ao dia da Independência, ao lado da Paróquia São João Bosco em 1971, imagens cedida pelo Pe. Johnnis Parteli; Alunos da Escola Marechal Rondon, em 1974 compoendo o carro alegórico, fotografia cedida por Arinete Fioratti do álbum de família.(IFRO, 2013)



Fotografia 03 e 04: Desfile de Sete de Setembro no ano de 1970 (imagem da esquerda) e entre as décadas de 1970 e 1980 (imagem da direita). Fotografias cedidas, respectivamente pelo senhor Crispim Bispo Reis dos Santos e por Osmar Pereira de Oliveira. (IFRO, 2013)



Fotografias 05 e 06: Desfile em ocasião do dia da Pátria, em 1991 e 1998. Imagens cedidas por Cristiano Pereira da Silva e Poliana Pereira da Silva Montes, respectivamente. Álbuns de famílias. (IFRO, 2013)

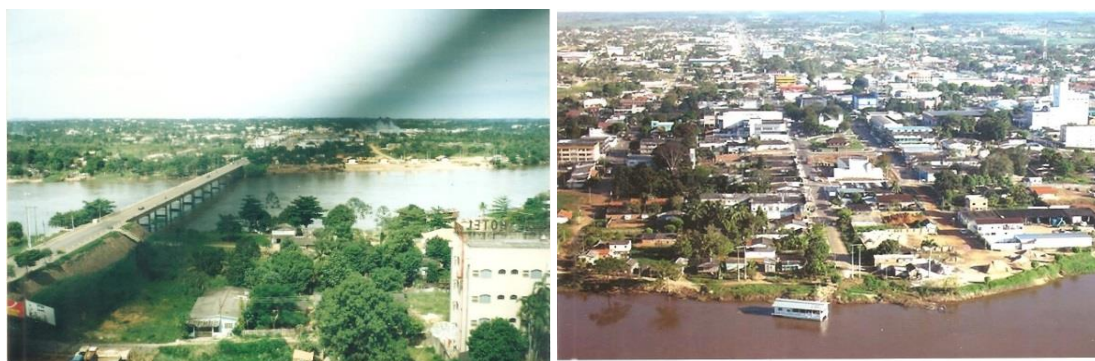


Fotografia 07 e 08: Desfile de 7 de setembro em 1983, imagens cedidas por Vicente Miguel Duarte. (IFRO, 2013)

As imagens acima retratam o período posterior aos anos de 1980, evidenciando que as práticas cívicas em comemoração a Independência permaneceram mesmo com o fim do período militar e ainda é praticado oficialmente em Ji-Paraná, configurando um legado cultural e identitário. As imagens fotográficas também retratam as mudanças no espaço urbano da cidade, o asfaltamento e a arquitetura presente ao longo do trajeto comprovam as transformações.

2.2 Os rios na memória fotográfica de Ji-Paraná

A compreensão sobre a região Amazônica exige considerável entendimento sobre a água e sua dinâmica, porque os rios desempenham um enorme domínio sobre seus habitantes. Na cidade de Ji-Paraná essa relação entre os rios e a cidade destacam as virtualidades e possibilidades de existência, que foram registradas em fotografias pelos moradores constituindo elementos repletos de memórias. O Rio Machado que divide geograficamente a cidade e o Rio Urupá que serpenteia o município manifestam-se como causador de fertilização e inundações, mas também agentes promotores de alimentos e beleza paisagística.

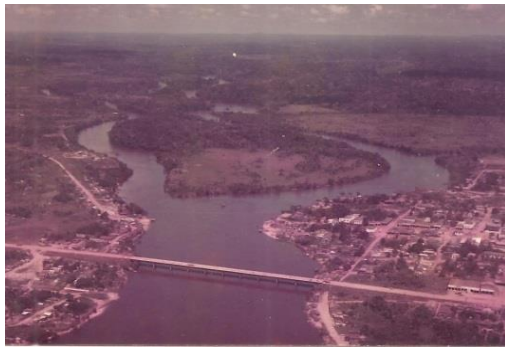


Fotografia 09 e 10: Rio Machado imagens datadas do ano de 1996 (fotografia da esquerda) e 1994 (direita). Fotografias cedidas pelo Sr. Abílio Luiz Trevisan e a imagem da direita por Karolayni Gabriel Santana. (IFRO, 2013)

As imagens demonstram no espaço urbano a presença marcante do rio, como elemento integrante da paisagem, incorporado como símbolo da cidade pelos habitantes. O Rio Machado nos remete contextos históricos como: a fundação da cidade, ao ciclo de diamantes, o ciclo da borracha ou o processo migratório de colonização da Amazônia, pois em todos esses eventos históricos ele serviu não só como meio de transporte, mas como fator interligado ao crescimento econômico local.



Fotografia 11 e 12: Balsa de travessia do Rio Machado em Ji-Paraná, 1960, imagem cedida por Adilson Alves da Rocha de seu arquivo particular; Ponte sobre o rio Machado em 12 de outubro de 2013, imagem cedida e produzida por Maíra Garcia de Andrade.



Fotografia 13 e 14: Ilha do Coração em 1983, cedida por Adélia da Silva Santos e 1984, imagem que faz parte do arquivo pessoal de Enéias Bastos.

A ponte sobre o rio Machado, por sua importância para o desenvolvimento da cidade, apresenta destaque na memória fotográfica ji-paranaense. As fotografias mostram como a travessia sobre o rio Machado acontece em diferentes períodos. Na primeira imagem (fotografia 11), as pessoas aparecem desembarcando de uma balsa, já na segunda imagem (fotografia 12), capturada recentemente, mostra a ponte, permitindo mais praticidade na travessia do rio, que deixa de ser um empecilho geográfico, promovendo o desenvolvimento da cidade em suas duas margens.

Além da rica existência do Rio Machado e da presença marcante da ponte de acesso aos distritos de Ji-Paraná, está evidenciada nas imagens também a “Ilha do Coração”. Cartão postal da cidade que lhe deu o apelido de “Coração de Rondônia”. Localizada na confluência dos Rios Machado e Urupá, a ilha tem um formato que lembra um coração, sendo lembrada pelos moradores, desde os tempos mais remotos, como símbolo de beleza natural que ilustram as fotografias da cidade e indicam sinais de pertencimento.

Mas os mesmos rios que alimentam, que transportam, que agradam o olhar, também apresentam seu domínio sobre os homens. São eles que ditam o ritmo de vida dos homens, e por vezes expõem sua força em trágicas inundações. Várias fotografias dos excessos hídricos em Ji-Paraná foram capturadas por seus moradores. Registros de

momentos difíceis impostos pelas forças da natureza protagonizadas pelos rios. Estes episódios trágicos ocorrem repetidas vezes, ano após ano, levantando questões sobre o planejamento urbano da cidade e o papel do poder público na prevenção de desastres, haja a vista a presença dos ribeirinhos, que sofrem diretamente a fúria das águas.



Fotografia 15 e 16: Cheia do Rio Machado entre 1975 a imagem compõe o álbum de família de Rosângela Machado de Freitas; Transbordamento do rio Machado em Ji-Paraná no ano de 1990, imagem cedida por Reinaldo de Souza Quirino

As imagens das enchentes em Ji-Paraná podem ser definidas nas observações do escritor Alberto Rangel na obra *Inferno Verde*, a respeito das águas na Amazônia destacando sua soberania:

Em época prevista, o repiquete da cheia anuncia-se estrépito, sem empolamentos acapelados da água, que irá, mais tarde, escalar as ribanceiras, afogar as várzeas todas e esconder o pedregal das correntezas estuantes. Na areia das praias o rio assinala o seu movimento de ascensão imperceptivelmente também, adquirindo uma polegada a mais na cota do nível do dia anterior. Vai assim, de instante a instante, no crescimento invisível do organismo vivo. Algumas vezes há de parar na marcha. Faltar-lhe-á fôlego ou preparar-se-á, numa concentração de forças, para a expansão monstruosa da enchente (RANGEL, 2001, p. 102).

O discurso nacionalista fortalecido pelo regime militar forçava a integração da Amazônia, sem levar em consideração os custos sociais e as condições econômicas dos colonos, que eram forçados pelas regras cruéis do capitalismo a ocuparem a região a qualquer preço.

Considerações Finais:

Pode-se observar, por meio deste estudo, a relação da sociedade com a sua cidade, intrínseca nas fotografias. Grande parte do material iconográfico analisado, foi preservado durante décadas em gavetas ou álbuns de fotografia familiares, como um tesouro pessoal de quem as guardou. Ao promover o resgate desse material fotográfico, esta pesquisa tornou possível perceber o que era considerado digno de ser eternizado,

guardado para a posteridade pelos moradores mais antigos da cidade, revelando aspectos significativos da identidade histórico-cultural do povo ji-paranaense.

O sentimento de patriotismo ficou evidente nos registros dos desfiles de sete de setembro, sob a ótica do regime militar brasileiro, que indicava ordem e civismo. Além disso, destacam como a “pátria” toma um papel relevante na vida do cidadão. A prática de fotografar não era algo consideravelmente acessível para a maioria dos moradores, que viveram tempos difíceis e instáveis, desta forma só eram registrados os momentos importantes de suas vidas, entre eles as paradas cívico-militares, verdadeiras festas, merecedoras de registro pela maioria das famílias.

Outro aspecto que nos chamou atenção foi à relação do ji-paranaense com o rio, comum nos cenários amazônicos, armazenado em seus acervos particulares. A cidade sempre dependeu das águas para se desenvolver, as mesmas águas que no ímpeto da natureza ocasionaram desastres, ditando o ritmo de vida dos povos que a margeiam.

Percebemos, contudo que a fotografia ao revelar histórias, costumes e práticas socialmente construídas é um elemento de materialização da memória. Neste estudo a fotografia permitiu compreender a importância da conservação das imagens dos álbuns de família como mecanismo de pesquisa enriquecedor, e nos possibilita promover relações com o passado.

Referências:

BARTHES, Roland. A câmara clara. Notas sobre a fotografia. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

CARTIER-BRESSON, Henri. “O momento decisivo”. In: Fotografia e Jornalismo. Bacellar, Mário Clark (org.). São Paulo, Escola de Comunicações e Artes (USP), 1971, pp. 19-26.

DUBOIS, Phillippe. O ato Fotográfico. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, Papyrus, 1994.

IFRO – Instituto Federal de Rondônia. Fatos e Fotos: análise iconográfica da História de Ji-Paraná. Banco de imagens fotográficas do projeto de pesquisa PIBIC EM: A fotografia no Ensino de História. 2013. fotografias.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo: Ática, 1989.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, Editora Unicamp, 1994.

RANGEL, Alberto. Inferno Verde. Organização Tenório Teles e estudo crítico por Marcos Frederico Kruger. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2001.